

“A MENINA DE LÁ” E “UM MOÇO MUITO BRANCO”: UM DIÁLOGO MÍTICO

Vera Lucia Rodella ABRIATA¹

- RESUMO: Este trabalho analisa os contos “A menina de lá” e “Um moço muito branco” de João Guimarães Rosa e objetiva demonstrar o diálogo que o enunciador rosiano estabelece com o discurso mítico, perceptível na estrutura dos dois contos. Para isso nos valem das relações que Calame (1986) estabelece entre o discurso mítico e cada um dos diferentes níveis do percurso gerativo de sentido da semiótica francesa.
- PALAVRAS-CHAVE: Diálogo; discurso mítico; nível da enunciação; nível do enunciado.

“A menina de lá” e “Um moço muito branco” (ROSA, 1977) são contos que travam diálogo entre si no universo de *Primeiras estórias*. Ambos são construídos por meio da projeção de narradores que simulam recontar histórias dispersas na memória discursiva oral de habitantes de comunidades do interior brasileiro. Assim, os relatos da comunidade, em “Um moço muito branco”, e da família de Nhinhinha, em “A menina de lá”, constituem narrativas nas narrativas e se organizam claramente a partir do plano de referência interna do discurso mítico. Nesse aspecto, objetivamos demonstrar que o diálogo do enunciador rosiano com o discurso mítico, nos dois textos, é profundo, estrutural, conforme Bertrand (2000, p.44), pois neles se reconstrói o esquema narrativo de mitos arcaico-populares com suas seqüências canônicas e suas figurações emblemáticas.

Partimos do ponto de vista de Calame (1986) segundo o qual é típica do mito a introdução de uma ruptura, de uma falta em relação às práticas semióticas cuja função é, em geral, manter ou restabelecer uma situação social de equilíbrio. Essa falta “temporaliza” ou “narrativiza” a prática social, inscrevendo-a em um esquema narrativo. É o que podemos notar nos contos rosianos que são objeto desta análise.

Em “Um moço muito branco” a aparição de um ser estranho na Comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, ocorre após uma noite de cataclismos que abalaram a região e provocaram muita morte e desolação. Assim como sua aparição, seu desaparecimento posterior é misterioso para a comunidade e quando ele desaparece, a população do lugar passa a associar seu advento à vinda de um herói redentor, revestindo-o de uma aura mítica. Histórias sobre o moço vão sendo então engendradas e oralmente contadas e recontadas ao longo do tempo até serem objeto do reconto do narrador que, da perspectiva do presente, situa-se numa posição de distanciamento em relação ao acontecimento maravilhoso que se encarrega de relatar.

¹ Faculdade de Letras – UNAERP – CEP 14096-580 – Ribeirão Preto – SP – Brasil

Em “A menina de lá” também ocorre a mitificação do ator, performance operada pela família de Nhinhinha após a sua morte. Incapaz de lidar com a perda, a família passa a interpretar o estado e os fazeres da menina, anteriormente considerados estranhos e anormais, como milagrosos. Nesse conto, é, por conseguinte, a morte de Nhinhinha que instaura a falta e o processo de mitificação do ator.

Ainda segundo Calame (1986, p.148-9), os atores do relato mítico podem também ocupar, em relação aos atores da prática social, “o papel de destinador, um destinador sancionador da performance dos sujeitos sociais”.

Nesse aspecto, observamos que, por meio dos simulacros que construíram, – a imagem de herói redentor do espaço terreno caótico, em “Um moço muito branco”, e da menina santa, em “A menina de lá”, – a comunidade do Serro Frio e a família de Nhinhinha podem resgatar a segurança perdida com o desaparecimento do primeiro e com a morte da segunda. A partir da falta, da perda, redimensionam o percurso pretérito do moço branco e de Nhinhinha e passam a interpretar seu advento como sinal de manifestação do sagrado no universo terreno. Restauram, assim, a “situação social de equilíbrio”, na medida em que atribuem aos dois atores o papel de sujeitos de um mesmo tipo de performance – realizar milagres. De acordo com seu fazer interpretativo, o moço branco e a menina são, pois, investidos do papel de Destinadores transcendentais cuja função seria sancionar positivamente os atos da família, no caso de Nhinhinha, e da comunidade do Serro Frio em “Um moço muito branco”. Essa sanção teria se manifestado por meio dos próprios milagres que os atores teriam operado e dos quais a família e a coletividade seriam, respectivamente, beneficiários.

A necessidade de restauração do equilíbrio teria, portanto, manipulado a comunidade do Serro Frio e a família da garota para a realização dos programas de mitificação do moço e da menina, manifestados nos relatos orais criados ao longo do tempo a respeito de seus feitos milagrosos. Nesses relatos, os dois atores são investidos de papéis temáticos similares: o moço branco é o “anjo” e Nhinhinha, a “santa”. Desse modo, ao estado de temor e de insegurança daqueles sujeitos sucede-se o estado de segurança, que se manifesta por meio da crença no caráter transcendental dos dois atores. Tal crença os levou, assim, à operacionalização da prática social do **contar** e **recontar** seus feitos extraordinários.

Por outro lado, convém ressaltar que tanto em “A menina de lá” quanto em “Um moço muito branco”, os narradores revelam ter entrado em contato com o /saber/ sobre o percurso da santidade desses seres, alçados à categoria de mitos, *a posteriori* e, ao recontá-lo, vão traçando uma outra leitura dos relatos míticos. Observamos, pois, que, no reconto dos narradores, a menina santa e o moço branco metamorfoseiam-se em seres de ficção literária.

Examinemos agora, mais detidamente, aspectos do nível narrativo e discursivo dos dois textos com o objetivo de destacar o diálogo que se processa entre eles, tendo em vista o substrato mítico que os sustenta.

Em “Um moço muito branco”, em termos de semântica discursiva, apreende-se, no reconto do narrador, o percurso da incapacidade física e mental do ator. As figuras que compõem esse percurso são: “um coitado fugitivo desses”, “perdida a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala”, “Nada ouvindo, não respondia nem que não, nem que sim: o que era coisa de paixão e lamentosa”, “Nem fizesse por entender, isto é, entendia às vezes ao contrário os gestos”, “ele andava muito na lua”. Tal percurso possibilita-nos, pois, a apreensão do tema da debilidade no texto.

Em “A menina de lá”, por sua vez, a presença do tema da debilidade da garota, relaciona-se à situação inicial da narrativa, quando Nhinhinha se encontra em conjunção com o objeto-valor “vida” e é qualificada como um sujeito de estado incapacitado física e mentalmente. Retomando algumas figuras do texto que revestem esse tema temos: “miúda”, “cabeçudota”, “olhos enormes,” “quieta”, “pouco se mexia”, “fazia vácuos, olhando o nada diante das pessoas”, “seria tolinha?”.

Outro tema comum aos dois contos é o tema da mitificação a que se relacionam os percursos figurativos da santidade do moço branco e de Nhinhinha. É importante ressaltar, contudo, que, em ambos os textos, o percurso dos milagres dos atores só se cria após seu desaparecimento. Assim, tanto em “Um moço muito branco” quanto em “A menina de lá” a comunidade do Serro Frio e a família da menina redimensionam o percurso anterior de debilidade dos atores “Nhinhinha” e “moço branco” e, por não poderem lidar com a falta, tendem a mitificá-los.

Em “Um moço muito branco”, algumas das figuras que compõem o percurso da mitificação do ator “são: “se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu”, “fazia para si outra raça”, “filho de nenhum homem”. É importante ressaltar a presença de um traço sêmico comum a essas figuras, o sema / não-humano/, perceptível na correlação que se estabelece entre elas. Além disso, o sema /luminosidade/, recorrente entre determinadas figuras do texto, também remete à aura de santidade do ator e possibilita-nos integrá-las ao percurso da mitificação. Eis fragmentos do texto em que a iteração desse traço sêmico se torna perceptível: “tão branco: mas não branquicelo, senão que de um branco leve semidourado de luz; figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade”(ROSA, 1977, p.86), “Mas, o moço, claro como o olho do sol” (p. 91), “Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas” (p. 91).

É interessante notar que à repetição desse sema – a /luminosidade/ – une-se ainda a de um outro – a /superatividade/, traço associado ao espaço superativo, transcendental – que também se relaciona ao tema da mitificação do moço. A reiteração

desses traços sêmicos corrobora, pois, o papel temático de que ele está investido, o de santo, como observamos em “de estranha memória, só, pois, a de olhar sempre para cima, o mesmo para o dia que para a noite - espiador de estrelas” (ROSA, 1977, p. 90). A apreensão de tais traços nas figuras “espiador de estrelas” e “olhar para cima” revela a nostalgia do moço branco em relação a seu espaço de origem, de acordo com o imaginário da comunidade.

Nesse mesmo sentido, outras figuras do texto, propositalmente ambíguas, aparentemente indefinidas, associam-se, no contexto, ao percurso da mitificação do ator: “Seu sorriso às vezes pairava referido a outro lugar, outro tempo” (ROSA, 1977, p. 88). Da perspectiva da comunidade, **o outro lugar e o outro tempo** situam-se, portanto, na dimensão mítica, transcendental.

Convém destacar ainda que o percurso dos milagres do moço branco recobre também o tema da mitificação e é figurativizado no texto por ações miraculosas, como, por exemplo, no episódio em que é responsável pela transformação de estado da filha de Duarte Dias. Ao ser por ele tocada, a moça transforma-se de um ser triste em um ser “para sempre alegre”.

Já em “A menina de lá” os milagres de Nhinhinha revelam-se concretizações mágicas de desejos que ela manifesta por meio de sua fala. Assim, “o que ela queria, que falava, súbito acontecia” (ROSA, 1977, p. 19), segundo o relato da família. Observamos, entretanto, que a realização de seus desejos, que magicamente se concretizavam após serem verbalizados, restringiam-se, por exemplo, à presença de uma rã, depois de ela ter manifestado um /querer/: que o sapo aparecesse. Outro dos considerados feitos maravilhosos de Nhinhinha foi a vinda da chuva, após um longo período de seca. Todos pediam para que ela **quisesse a chuva**. Ela, contudo, parecia não se deixar manipular pelo /querer/ da família. Um dia, entretanto, ela manifestou o desejo de ver o arco-íris. Choveu, então, e o arco-íris apareceu. Vale observar que o /saber/ revelado pela família sobre as performances milagrosas da menina, após sua morte, manifesta a passagem de um estado de crença a outro: do que é negado ao que é admitido. Nega-se a menina débil e afirma-se a menina santa.

Verificamos, pois, que ao tema da debilidade sobrepõe-se, em ambos os textos, o tema da mitificação dos atores centrais. A esses temas pode ser ainda associado o tema da passagem da vida terrena transitória, imperfeita, fugaz, à vida transcendental perfeita e atemporal. Por outro lado, na medida em que seus narradores simulam recontar histórias míticas pretéritas, delinea-se aos olhos do narratário um outro tema dos textos - o da criação - tendo em vista que não só os atores “comunidade do Serro Frio”, em “Um moço muito branco”, e “família” em “A menina de lá”, mas também os atores “narradores”, nos dois contos, podem ser investidos do papel temático de “contadores de histórias”. Instaura-se, portanto, a isotopia temática da criação - mítica - nos pretensos relatos lendários arcaico-populares - literária - nos recontos dos narradores.

Quanto à projeção temporal, em “Um moço muito branco”, uma distância se interpõe entre a instância da enunciação e o discurso enunciado. Assim, em termos de sintaxe discursiva, o enunciador projeta, por meio de debreagem temporal enunciativa, o narrador, situado no tempo presente. Este, por sua vez, utilizando-se de debreagens enunciativas, projeta o tempo, o espaço e os atores do enunciado. Um distanciamento se estabelece, por conseguinte, entre o tempo da enunciação enunciada, ancorado no “hoje” (ROSA, 1977, p. 87), e o tempo do enunciado enunciado - um “então” remoto, longínquo, figurativizado, na situação inicial do conto, como “a noite de 11 de novembro de 1872” quando “... um fenômeno luminoso se projetou no espaço...” (ROSA, 1977, p. 87) e um terremoto atingiu a comarca do Serro Frio.

Dessa forma, o narrador cria o efeito de sentido de afastamento e de objetividade frente à história que simula recontar, delegando à comunidade, instaurada como sujeito narrador coletivo, a responsabilidade pelo tom maravilhoso predominante no texto.

Devemos lembrar aqui que a comunidade do Serro Frio é um actante do enunciado. Assim, o relato de seu fazer pragmático, cognitivo, assim como de suas paixões não é operado por ela, mas pela instância enunciativa do narrador. Portanto, embora, em alguns momentos do texto, suas palavras ressoem sob a voz do narrador - é o que se nota logo na situação inicial em “Deram-se fatos de *pavoroso* suceder”, “caiu outrossim *medonho* temporal com *assombrosa* e jamais vista inundação” (ROSA, 1977, p. 86), - trata-se de uma análise “objetiva” da subjetividade.²

Assim, ao tom analítico, objetivo, que impera no aparente reconto do narrador, dialogicamente parece contrapor-se e, de certa forma, sobrepor-se o tom de comoção passional, que se dissemina no enunciado da comunidade, o que podemos notar nos fragmentos:

Mas à porta da igreja se achava um cego, Nicolau, pedidor, o qual, o moço em o vendo, olhou-o sem medida e entregadamente - *contam que* seus olhos eram cor-de-rosa! - e foi em direitura a ele, dando-lhe rápida partícula, tirada da algibeira. (ROSA, 1977, p. 88)

Convém notar que a estupefação está presente no reconto do narrador. Ela se torna patente, por exemplo, no enunciado exclamativo em que se percebe a presença do discurso indireto - “contam que seus olhos eram cor de rosa!” - por meio do qual, de modo subreptício, aquele imprime à história da comunidade um caráter maravilhoso, insinuando, dessa maneira, o teor ficcional que atribui ao relato coletivo.

A função desses comentários metaenunciativos é a de assinalar, entre as palavras do narrador, “a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso”, de acordo com Authier-Revuz (1982, p.22-3). Neste caso, - o da explicitação metaenunciativa - temos “a não coincidência do discurso consigo mesmo”,

² Fiorin (1995, p. 69) afirma que a distinção entre instância da enunciação e do enunciado é que cria esse efeito de sentido de subjetividade e objetividade.

de acordo com a lingüista francesa. É o que verificamos nos fragmentos: “Ele andava muito na lua, passeava por todo o lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, *segundo os dizeres do povo*”. (ROSA, 1977, p. 89), “Do que adveio, justo, *o caso* da moça Viviana, *sempre mal contado*”. (p. 90); “Duarte Dias pensou que ia virar riquíssimo, e mudado de fato esteve, da data por diante, em homem sucinto, virtuoso e bondoso, suspendentemente, *consoante o asseverar sobremaravilhado dos coevos*”. (p. 91)

Com essas formas de recuperação de um “já dito”, que pertencem a um outro universo de valores, – o universo mítico neste caso – o narrador cria o efeito de sentido de irrealidade. Assim, por meio delas, ele parece sugerir que, atrelado a um universo de extrema carência e falta, a saída do homem rústico do sertão brasileiro, foco de interesse do enunciador rosiano, sempre se dá em nível de mitificação.³

Desse modo, o ator “moço” vai construindo-se, aos olhos do enunciatário-leitor de modo misterioso, ambíguo: é “coitado” e “pasma”, de um lado, e, de outro, estranho, “estrangeiro, iluminado”.

O mesmo tipo de debreagem ocorre na situação inicial do texto em “A menina de lá” em que se percebe o distanciamento entre o tempo da enunciação e o do enunciado, um **então** ainda mais remoto, porque vago, uma vez que não há nem ancoragem temporal nesse texto como ocorre em “Um moço muito branco”.

Quanto à espacialidade, observamos que nos dois contos ocorre a adequação ao que afirma Calame (1986, p.148) em relação ao espaço no relato mítico: “um lugar socialmente definido no seio da cultura a que concerne”.

Constatamos que em “Um moço muito branco” a ancoragem espacial, muito precisa, visa a criar a ilusão referencial. Em “A menina de lá”, a projeção espacial ocorre no início do texto, que destacamos para análise: “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus” (ROSA, 1977, p. 17).

A referência espacial é aí extremamente metafórica e se sincretiza à localização temporal, assim como nos remete ao processo de actorialização. Observemos inicialmente que as figuras “Serra” e “brejo” evocam a paisagem natural do interior mineiro e são referências espaciais que situam a casa – espaço englobado – num lugar figurativizado pelo topônimo “o Temor-de-Deus” – espaço englobante. Este, ao mesmo tempo, constitui uma catáfora indiciadora da religiosidade, traço cultural característico da família de Nhinhinha, enfim, dos habitantes desse espaço.

³ Bosi (1988, p.24-5), no artigo “Céu, Inferno”, analisando textos de Primeiras estórias, observa que “no contexto de uma cultura fechada, onde o pobre conhece de antemão o pouco que lhe é dado obter com o próprio esforço, e o muito que vem das forças naturais e do arbítrio dos poderosos, fica sempre aberta a possibilidade de sonhar com um tempo de libertação, que (...) um dia chegará.” O autor considera ainda que “relances poéticos e expressivos resgatam situações de pura necessidade e produzem um ato de suplência simbólica na cadeia dos acontecimentos”.

Quanto à expressão “para trás da Serra do Mim”, convém lembrar o sentido de “atrás” que nos remete não só a “na parte posterior, na retaguarda, detrás”, mas ainda a “antes, anteriormente, em expressões relativas a tempo anterior ou época passada” (FERREIRA, 1999, p. 227). Tendo em vista a projeção temporal, o narrador assume, no texto, a perspectiva do presente, aí implícito e pressuposto. Logo, se tomarmos como ponto de referência o presente da enunciação, o “para trás”, a que ele se refere, pode ser concebido como o pretérito para o qual volta seu olhar.

Podemos entender, assim, que o narrador nostalgicamente resgata de sua memória, simultaneamente, um espaço e um tempo que ficaram “para trás”, longínquos – o tempo e o espaço de sua infância, quando convivera com Nhinhinha e estes repercutem no presente, como nos revela a utilização do imperfeito, aí manifestado em “ficava”, marcado aspectualmente pela /duratividade/.

Dessa perspectiva, observemos como o narrador dialoga com o discurso da família e de Nhinhinha. Situado no presente da enunciação, ao reportar-se ao discurso enunciado, que simula ter sido criado pela família da menina, *in illo tempore*, objetiva criar o efeito de sentido de distanciamento da leitura mítica a que esta submetera a garota. Observemos o momento do texto em que isso se torna perceptível: “Nunca mais vi Nhinhinha.

Sei porém que foi por aí que ela começou a fazer milagres” (ROSA, 1977, p.19).

Uma oposição aspectual importante aí se faz notar. Ela se estabelece entre o aspecto durativo, manifestado nas formas verbais do imperfeito do indicativo, até então predominante no texto, e o aspecto pontual que repentinamente aflora nas formas verbais do perfeito, presentes nos enunciados supracitados. Assim, os semas / continuidade/ vs. /descontinuidade/ – perceptíveis, respectivamente, nas formas verbais do imperfeito e do perfeito – associam-se aos termos das oposições categoriais – / proximidade/ vs / distanciamento/ e /subjetividade/ vs /objetividade/. A proximidade – o narrador quer fazer-nos crer – dava-se no pretérito entre Nhinhinha e o eu que, no presente da enunciação, simula recordar-se daquele tempo e daquele espaço longínquos, míticos, que ficaram “para trás”.

É importante ressaltar ainda o teor das “estórias” que Nhinhinha contava. Uma delas, relatada em discurso direto é: “da precisão de se fazer lista de coisas que no dia por dia a gente vem perdendo” (ROSA, 1977, p.17). Depreendemos aí o tema da metamorfose do temporal em atemporal, operada pela palavra poética. O /dever-fazer/, que se manifesta na figura “precisão”, evoca-nos um dos intentos do narrador rosiano: atemporalizar mitos da tradição oral arcaico-popular que poderiam estar fadados ao esquecimento – “que a gente vem perdendo” – metamorfoseando-os em ficção literária. Um desses mitos é o das crianças que morrem cedo e são “aureoladas de santidade” (BOSI, 1988. p. 27).

Cumprir destacar, nesse sentido, que as *Primeiras estórias* rosianas mantêm com as de Nhinhinha vários traços comuns – também elas são curtas, densas, condensadas. Desse ponto de vista, ao aludir às “estórias” da menina, caracterizando-as como de difícil entendimento pela “estranhez das palavras”, pelo “esquisito do juízo ou enfeitado do sentido”, ao atribuir-lhe neologismos como o que ocorre em “ele xurugou”, ou mesmo em “estranhez”, o narrador leva-nos a concluir que, por meio do **verbo** de Nhinhinha, especularmente, projeta algumas das características de seu próprio estilo.

Lembremos que o ator “Nhinhinha”, em nível de enunciado, é dotado do papel actancial de sujeito operador de performances milagrosas. Já em nível de enunciação o narrador, ao simular recontar o caso lendário, apóia-se no esquema narrativo do discurso mítico e, ao reconstruí-lo, possibilita ao enunciatário desvelar um outro papel que atribui à menina: ela seria um **alter-ego** do próprio narrador, enquanto criador de ficção literária, já que ele projeta em sua fala mítico-mágica traços de seu estilo de narrar.

Logo, tendo em vista o reconto do narrador, percebemos que este, em nível de enunciação, ao simular romper com o contrato de veridicção estabelecido no discurso mítico da família e fundado na crença nos poderes sobrenaturais da menina, permite-nos apreendê-la como mito, no sentido moderno, ficcional do termo. Repetem-se, pois, em nível de enunciação, neste texto, os mesmos termos do contrato enunciativo que se estabelece entre enunciator e enunciatário no conto “Um moço muito branco” e à isotopia da criação mítica associa-se aqui também a isotopia da criação literária.

Quanto à projeção actorial dos atores “Nhinhinha” e “moço branco” convém lembrar que, da perspectiva da família, suas características situam-se, como afirma Calame (1986, p.148), no nível infra- e sobre-humano, pois eles apresentam traços de debilidade e de santidade. Assim, a debilidade os situaria no nível infra-humano e a santidade, no supra-humano.

Finalmente, em relação ao nível das estruturas profundas, em termos de sintaxe fundamental, tendo em vista o discurso da família e da comunidade do Serro Frio, a partir da oposição semântica de base /não-humanidade/ e /não-divindade/, há, em ambos os textos, a harmonização de subcontrários e os dois atores, na medida em que investidos do papel temático de santos, seriam seres neutros. Do ponto de vista do narrador, essa união de subcontrários relaciona-se, por outro lado, ao ator, ser de ficção, simulacro literário de diversos mitos com os quais o narrador rosiano dialoga, sincretizando-os em sua escritura mitopoética.

Percebemos, por conseguinte, que o enunciator convoca o esquema narrativo do discurso mítico em seus textos e, ao desconstruí-lo e reconstruí-lo, utilizando-se de estratégias enunciativas que evidenciam a ruptura do contrato de veridicção com os simulacros de tal discurso, metamorfoseia tal modelo narrativo, já estabilizado pelo uso, em textos literários inovadores.

Uma das marcas dessa inovação é exatamente o caráter metadiscursivo dos textos analisados. Neles o enunciator cria, em nível de enunciado, **discursos** que simula serem **verdadeiros** – para os sujeitos que aí projeta vivenciando o mito. Já em nível de enunciação ele os reconstrói como **discursos** literários **verossímeis**. Desse modo, ao dialogar com a estrutura narrativa do discurso mítico em “Um moço muito branco” e em “A menina de lá”, o enunciator rosiano conquista nossa adesão fiduciária para o parecer sensível dos atores “Nhinhinha” e “moço branco”, possibilitando-nos depreender o caráter mitopoético de seus textos.

ABRIATA, V. L. R. “A menina de lá” and “Um moço muito branco”: a mythic dialogue. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 217-226, 2003.

■ **ABSTRACT:** *This work analyses “A menina de lá” and “Um moço muito branco” by João Guimarães Rosa and intends to demonstrate the dialogue established by the enunciator between these literary texts and the mythic discourse. The dialogical character of both short stories is described according to the relationship that Calame (1986) establishes between the mythic discourse and each one of the different levels of French Semiotics’ generative path of sense.*

■ **KEYWORDS:** *Dialogue; mythic discourse; enunciation level; enunciate level.*

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours. **DRLAV: Revue de Linguistique**, Paris, n. 26, p. 91-151, 1982.

BERTRAND, D. **Précis de sémiotique littéraire**. Paris: Nathan, 2000.

BOSI, A. **Céu, inferno**. São Paulo: Ática, 1988.

CALAME, C. Mythique: discours, niveau. In: GREIMAS, A. J.; COURTÈRS, J. **Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette, 1986. v.2.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

■ ■ ■